

O SIGNIFICADO E A INFLUÊNCIA DO BISPO DOM STANISŁAW STEFANEK SCHR NA ASSISTÊNCIA PASTORAL À COMUNIDADE POLÔNICA BRASILEIRA

Ao iniciar a apresentação das minhas muito pessoais reflexões em relação à inesquecível pessoa do nosso Bispo Dom Stanisław e ao seu significado para a pastoral polônica no Brasil, confessarei sinceramente que – após muitas apresentações em ambientes acadêmicos no Brasil, na Polônia e na Itália no decorrer dos últimos 30 anos, durante as quais apresentei diversos aspectos da vida e da atividade da coletividade polônica brasileira – ao escrever esta recordação a respeito da influência que teve a pessoa do Bispo Dom Stanisław sobre a formação que me preparou para o ministério em meio à comunidade polônica, bem como a respeito da sua influência indireta e direta sobre a comunidade polônica brasileira, encontrei-me numa situação muito delicada e me sinto muito embaraçado. Por duas razões. A primeira razão é a pessoa, a figura do homem Dom Stanisław, que exerceu uma influência muito forte sobre a Igreja na Polônia, no mundo, sobre tantas, tantas famílias e pessoas individuais que o encontraram em diversas circunstâncias e em diversos lugares na Polônia e nos diversos países que Ele visitou. Naturalmente, também sobre a minha pessoa a influência dele foi muito significativa. Confesso que desde o momento da passagem do Bispo Dom Stanisław à Casa do Pai, todos os dias me defronto com momentos em que a figura desse coirmão surge em muitas recordações, e sobretudo na oração de ação de graças diante de Deus Pai pelo dom de me ter encontrado com um homem dessa envergadura! A segunda razão são as comunidades polônicas brasileiras que Dom Stanisław visitou, bem como aquelas em que cumprem a sua missão os padres da Sociedade de Cristo: aqueles da geração mais antiga, que tiveram com ele um contato direto no decorrer da formação seminarística comum ou que se encontraram com ele em período posterior em diversos lugares e circunstâncias. Naturalmente, não posso deixar de lado os coirmãos mais jovens que durante a formação seminarística se têm utilizado da sabedoria do então educador e professor que foi o Pe. Prof. Stefanek, mais tarde um hierarca da Igreja muito ativo em diversos setores. Eles também têm sido por ele preparados teoricamente para o futuro ministério em meio à comunidade polônica brasileira.

Uma atenta leitura de dois livros que foram publicados na Polônia sobre o Bispo Dom Stanisław¹¹ conscientizou-me melhor e mais profundamente ainda de quem foi e quem continua sendo para nós o ilustre hierarca. Aprofundando-me no conteúdo das citadas publicações, conscientizei-me de que a Providência me deu a graça do contato com ele, de ouvir as suas aulas, os seus diálogos, de participar de encontros e de celebrações da Eucaristia com ele, de muitas horas de viagens de carro pelas estradas asfaltadas ou pelos difíceis caminhos do interior brasileiro, de meditar as suas homilias por um período de quase 50 anos. Não posso deixar de lembrar a conferência que foi organizada no dia 11 de julho de 2022 na Chancelaria do Primeiro-Ministro da República da Polônia com o título “A obra do Bispo Dom Stanisław Stefanek em prol da comunidade polônica e dos poloneses no exterior”²². Eu queria participar pessoalmente desse evento, mas, infelizmente, em razão dos bilhetes aéreos muito caros (3 mil euros), tive de desistir de apresentar a comunicação sobre a influência espiritual e patriótica do Bispo Dom Stanisław sobre a comunidade brasileira. No entanto, graças à transmissão dessa

¹¹ *We wszystkim Chrystus. O narodzie, Kościele, mediach, rodzinie z Biskupem Stanisławem Stefankiem TChr rozmawia Marzena Nykiel*, Wydawnictwo SPES, Kraków 2015, p. 318; *Świadek ewangelicznej dobroci. Zbiór wspomnień o Księdzu Biskupie Stanisławie Stefanku TChr*, Fundacja Vita Familiae, Łapy 2022, pp. 399.

²² <https://www.facebook.com/watch/?v=1016443952394564> (acesso 24.09.2022).

conferência pela internet, da distante terra brasileira pude participar, na qualidade de ouvinte, desse importante acontecimento. Ouvindo as apresentações dos conferencistas convidados, quantas lembranças passaram pela minha mente e pelo meu coração... É preciso expressar a gratidão, o respeito aos organizadores dessa conferência, bem como a todos aqueles que em seus pronunciamentos tornaram conhecidos diversos aspectos da atividade do Bispo Dom Stanisław na Polônia, bem como em muitas comunidades polônicas em diversos países do mundo.

Ao escrever estas palavras, de maneira especial recordo todas aquelas homilias que o Bispo Dom Stanisław pronunciou em nossas paróquias brasileiras durante a sua visita em 1996. Embora em muitas comunidades ele tivesse celebrado a santa Missa em língua polonesa, em outras, onde as comunidades eram etnicamente mistas (com maior porcentagem de fiéis de origem polonesa) a Eucaristia foi celebrada em língua portuguesa. No planejamento dos nossos encontros com os fiéis nas diversas paróquias, juntamente com ele planejávamos a celebração da santa Missa de tal forma que todos os participantes pudessem tirar o máximo proveito espiritual. Estávamos preocupados em fazer com que ninguém dos fiéis se sentisse excluído da santa Missa celebrada pelo hierarca polonês. Em todas as celebrações eu sempre traduzia as suas homilias para a língua portuguesa, para que todos os fiéis pudessem ser atingidos pela Palavra de Deus anunciada com aquele carisma tão característico e pessoal que Deus proporcionou a Dom Stanisław.

Primeiramente eu gostaria de apresentar a real influência do bispo Dom Stanisław na nossa pastoral polônica no Brasil. Por isso, iniciarei esta recordação apresentando a questão a partir da sua influência formativa nos futuros missionários dos emigrados poloneses e dos seus descendentes no país acima citado. Quando eu iniciei os estudos seminarísticos na Sociedade de Cristo em Poznań em 1970, o responsável pela organização das nossas aulas, bem como pela sua temática, pela escolha dos professores era o padre vice-diretor Stanisław Stefanek. Tínhamos, então, aulas de teologia emigratória, de direito eclesiástico e de diretrizes vaticanas a respeito da questão dos movimentos emigratórios e da pastoral das pessoas a caminho. Além disso, existia no seminário um costume que nos familiarizava indiretamente com a realidade da pastoral polônica – não sei quem foi o seu idealizador, se foi o reitor padre prof. Bogusław Nadolski ou o seu substituto o padre prof. Stanisław Stefanek. Ou talvez já tivesse disso iniciado por autoridades seminarísticas anteriores, a saber, quando aparecia na Casa Central da Sociedade de Cristo em Poznań algum missionário polônico, os seminaristas, e também os outros moradores da casa tinham a possibilidade de participar à noite de um encontro com o missionário no corredor, no segundo andar do prédio do seminário. Na época, o prédio da sede da Sociedade de Cristo e ao mesmo tempo do nosso seminário era pequeno em comparação com o atual, que foi ampliado nos anos posteriores. Naquele tempo não tínhamos um salão ou uma sala grande para tais encontros. Os missionários que vinham de diversos países, inclusive do Brasil, tiveram muitos encontros conosco no período dos 6 anos de estudos seminarísticos. Após a apresentação da realidade da Igreja e da comunidade polônica em determinado país, tínhamos a ocasião de fazer perguntas ao conferencista. Os encontros com os sacerdotes polônicos do Brasil complementavam os nossos conhecimentos obtidos nas aulas relacionadas com a problemática emigratória. Aqui percebo a grande influência do Bispo Dom Stanisław – que na época era vice-diretor e professor – na nossa preparação teórica para o ministério pastoral em meio à comunidade polônica. Os acima mencionados encontros com os missionários complementavam e enriqueciam os variados conhecimentos que nos eram transmitidos pelos professores nas salas do seminário.

Seja-me permitido introduzir aqui um trecho muito pessoal, visto que, sem a postura e a fraternal abordagem do subordinado pelo então Vigário-Geral da nossa Congregação Pe.

Stanisław Stefanek SChr, a respeito do que quero falar, hoje – com certeza – eu não estaria escrevendo estas recordações do Brasil, visto que certamente estaria cumprindo outras obrigações, numa outra latitude geográfica... Eis que no dia 11 de maio de 1976, juntamente com outros coirmãos, recebi a ordenação sacerdotal na catedral de Poznań. Após a primeira Missa na paróquia natal e um breve período de férias, fui nomeado substituto do superior da Casa Central – considerando que, de acordo com os Estatutos então vigentes da nossa Sociedade – o superior dessa casa participava por ofício do capítulo geral da congregação. Justamente no período de férias (de 1976) devia realizar-se mais um capítulo geral da nossa congregação religiosa. Num intervalo entre as deliberações do capítulo, aproveitei a ocasião e fui falar com o Pe. Benedykt Grzymkowski SChr – na época provincial no Brasil – e disse-lhe que eu gostaria de viajar a esse país para cumprir o carisma da nossa congregação. O Pe. Benedykt me respondeu então que, quando o capítulo elegeisse o novo superior geral, ambos iríamos falar com ele para lhe apresentar o meu pedido e ao mesmo tempo o meu desejo. Alguns dias depois os membros do capítulo elegeram a nova administração da congregação. Tornou-se superior geral o Pe. Dr. Czesław Kamiński SChr, até então nosso professor de direito canônico, latim e teologia emigratória no nosso seminário. Por sua vez tornou-se vigário-geral (ou substituto do superior geral) o Pe. Msc. Stanisław Stefanek SChr. Certo dia, numa pausa entre as deliberações capitulares, juntamente com o padre provincial eu fui falar com o novo superior geral a fim de lhe apresentar o meu pedido. Então, no decorrer da conversa, o superior geral respondeu ao meu pedido mais ou menos da seguinte forma: “Ah, sim, você poderá viajar, mas daqui a dois anos, visto que primeiramente você tem que passar pela prática numa das nossas paróquias na Polônia”.

Após o término da minha função em Poznań, fui encaminhado a Stargard Szczeciński na qualidade de vigário. Passado um ano, o superior geral Pe. Czesław Kamiński realizou uma visitação canônica na nossa província sul-americana. Eu recebi então dele um cartão-postal, no qual ele escreveu: “Prepare-se aos poucos. No ano que vem você viajará ao Brasil”. Desde o tempo em que recebi essa agradável informação do Superior Geral no Brasil passaram-se alguns meses e, durante um dia de recolhimento em Stargard para os nossos padres que trabalhavam na Pomerânia Ocidental, fui convidado para uma conversa pelo Pe. Stanisław, nosso Vigário-Geral. Durante o encontro ele me informou que me queria ver realizando estudos na Universidade Católica de Lublin. No decorrer dessa conversa tentei utilizar-me de vários argumentos para de alguma forma me esquivar à proposta apresentada pelo superior visando a continuidade dos meus estudos. Finalmente eu disse que desejaria muito viajar ao Brasil, para ali realizar o carisma da nossa congregação. Eu não me via então no papel de um estudante, ou de um futuro professor no seminário. O ministério pastoral era para mim uma paixão, e nele eu pretendia realizar a vocação recebida de Deus. Diante desses meus argumentos pessoais – e talvez inconsistentes – quando o padre Vigário-Geral me encarava com o seu olhar penetrante e repleto de bondade, ele me respondeu mais ou menos neste estilo: “Pois é, sei do Superior Geral que você quer viajar ao Brasil, e ele já concordou com isso...”.

Passados já tantos anos, quando recordo aquela conversa com o então Vigário-Geral da congregação, percebo com o olhar da imaginação – nas minhas recordações de já tantos anos – a figura do homem, do superior religioso diante do qual a gente sentia o adequado respeito, uma grande consideração e também um distanciamento em razão da sua pessoa, da sua autoridade, e também da sua fraternal e compreensiva abordagem diante do interlocutor. Da expressão do rosto do padre Vigário-Geral refletia-se a vontade de compreender o irmão mais jovem, bem como aquela sua específica postura paternal repleta de cordialidade, até na forma do seu olhar. Naquele período começava a falar-se na Igreja, a respeito do voto da obediência, do chamado diálogo aberto e sincero do superior com o subalterno. Após os anos que se passaram desde o

mencionado encontro, percebo como então o Vigário-Geral da nossa congregação saía ao encontro das “novidades” – ou até a elas se antecipava – na nossa congregação quanto à realização dos votos religiosos. Na sua abordagem diante dos subalternos não havia a exigência da chamada “obediência cega”...

Passados dois anos no exercício do meu ministério pastoral em Stargard, recebi o decreto do Padre Stanisław Stefanek, Vigário-Geral, que me removia daquele posto e me transferia a Poznań, onde juntamente com dois coirmãos eu devia participar de um curso de língua portuguesa e esperar que nos fossem concedidos o passaporte e o visto brasileiros. Durante os seis meses de permanência em Poznań houve muitas ocasiões para encontros e conversas com o Pe. Stanisław, nosso superior.

Antes de deixar a Polônia, a família, os amigos, num domingo de fevereiro de 1979 realizou-se na minha paróquia natal perto de Cracóvia, em Nowy Brzesk, uma santa Missa de despedida. Em nome da nossa congregação religiosa, oficialmente – em meio aos meus mais próximos familiares, amigos, paroquianos – estava me enviando para as missões no Brasil justamente o Pe. Stanisław Stefanek, na época o nosso Vigário-Geral. Com a recordação desse acontecimento que foi o meu envio pelo Pe. Stanisław, da minha paróquia natal, para o cumprimento da missão da congregação no distante Brasil, quero encerrar esta primeira etapa da preparação teórica e ao mesmo tempo da Sua influência direta para a minha formação para o ministério em meio à comunidade polônica brasileira. Estou profundamente convencido de que os meus coirmãos, que no decorrer da formação seminarística encontraram-se em diversas circunstâncias com o Pe. Stanisław Stefanek SChr – nosso professor, educador, superior – poderiam completar e aprofundar estas memórias com as suas memórias e observações para a percepção de uma pessoa que não pode ser esquecida em razão da sua influência na nossa formação comunitária pessoal no espírito do carisma da nossa congregação, bem como da sua influência indireta no futuro ministério realizado em meio à coletividade polônica em tantos países do mundo

As visitas do Bispo Dom Stanisław Stefanek ao Brasil

Nesta parte das minhas memórias pretendo recordar as três estadas do Bispo Dom Stanisław no belo e sob muitos aspectos fascinante Brasil. Duas visitas estiveram relacionadas diretamente com a comunidade polônica nesse país, e a terceira, embora tivesse um caráter diferente, indiretamente também se relacionou com a nossa coletividade polônica brasileira, especialmente com aquela do Rio de Janeiro. As mencionadas três visitas do Bispo Dom Stanisław serão por mim descritas cronologicamente.

1. Após assumir o ministério de provincial da Sociedade de Cristo na América do Sul em 1995, convidei o Bispo Dom Stanisław para visitar o Brasil e o nosso ministério polônico nesse país. O argumento fundamental para que o hierarca viesse ao Brasil foi o convite a ele encaminhado para que realizasse um curso pastoral de alguns dias para os nossos padres em Curitiba e participasse das solenidades do centenário da instituição da paróquia de Nossa Senhora de Częstochowa em Dom Feliciano, no estado do Rio Grande do Sul. O Bispo Dom Stanisław recebeu esse convite e no dia 25 de julho de 1996 veio ao Rio de Janeiro. Coincidiu que no dia 27 de julho daquele ano veio a Curitiba igualmente o Arcebispo Dom Zenon Grocholewski, então secretário da Nunciatura Apostólica, colega de escola do pároco Pe. José Poszwa SChr, que exercia então a função de cura da paróquia de S. Pedro e S. Paulo em Curitiba (vizinha da nossa casa provincial). Na noite do dia 29 de julho o Bispo Dom Stanisław veio a Curitiba. Fui recepcionar o ilustre hóspede no aeroporto em companhia do Pe. Władysław

Hoffmann SChr, que exercia então o ministério entre os poloneses na Alemanha e estava passando conosco as suas férias. Ele era da geração do Bispo Dom Stanisław, de maneira que ambos tiveram muitas ocasiões para recordar os antigos tempos do seminário...

Planejei a estada do Bispo Dom Stanisław de tal forma que, além do curso pastoral (6-9 de agosto de 1996) para os coirmãos da nossa província, ele tivesse também a possibilidade de visitar todos os nossos núcleos pastorais no Brasil. No decorrer do mencionado curso, o bispo Dom Stanisław também fez palestras a respeito da problemática da família atual. À noite, durante os nossos fraternais encontros comuns, apresentávamos a ele a realidade do nosso ministério em prol da comunidade polônica, bem como dos brasileiros. A grande maioria dos núcleos pastorais eram paróquias territoriais, às quais pertenciam fiéis de diversas etnias. Aceitávamos paróquias onde uma grande porcentagem dos fiéis era constituída de pessoas de origem polonesa. Naturalmente, nesses encontros noturnos não podiam faltar perguntas da parte do nosso ilustre hóspede em relação à nossa vida e à natureza do nosso trabalho nas estruturas da Igreja do Brasil.

Permito-me aqui mencionar as paróquias onde os polônicos brasileiros tiveram a possibilidade de encontrar-se com o hierarca polonês durante as santas Missas celebradas, bem com as conversas individuais após a solene e sublime celebração. Não vou fornecer as datas concretas da estada nas diversas paróquias, nem os trajetos que percorríamos a caminho dos nossos distantes núcleos situados nos estados meridionais da República Federativa do Brasil.

Eis as paróquias visitadas pelo Bispo Dom Stanisław que se encontravam na área do estado do Paraná (o território desse estado possui 199.307,922 km² e o seu número atual de habitantes chega a mais de 10 milhões³³). Esclarecimento: entre parênteses forneço o nome do então pároco da mencionada paróquia: Balsa Nova (Pe. Benedykt Grzymkowski SChr), Virmond (Pe. Jan Sobieraj SChr), Bateias (Pe. Piotr Poszwa SChr), Rio Claro do Sul (Pe. Gerard Pilich SChr), Mallet (Pe. Zdzisław Nabiałczyk SChr), Cruz Machado (Pe. Zygmunt Szwejkiwicz SChr), Santana (Pe. Daniel Niemiec SChr).

Após visitar as nossas paróquias no estado do Paraná, possibilitei ao Bispo Dom Stanisław o conhecimento de outras paróquias e o encontro com os descendentes dos colonos poloneses num outro estado desse país, a saber, no Rio Grande do Sul. Esse é o estado mais meridional do Brasil (281.730,223 km² e uma população que atualmente chega aos 11 milhões de habitantes⁴⁴). Territorialmente, esse estado é um pouco menor que a Polônia. O primeiro núcleo a que chegamos foi a paróquia em Guarani das Missões (Pe. Jerzy Sowa SChr). A caminho até a mencionada cidade, detivemo-nos em duas cidades onde uma significativa porcentagem dos habitantes é constituída de pessoas de origem polonesa, a saber: Erechim e Ijuí. Era preciso também mostrar ao Bispo Dom Stanisław a vila Santana, perto de Ijuí. Nesses três lugares, por muitos anos desenvolvemos a pastoral entre os polônicos, bem como em comunidades multiétnicas. As paróquias seguintes foram Cândido Godoy (Pe. Alojzy Laimann SChr), Santo Antônio da Palma (Pe. Franciszek Adamczyk SChr) e Dom Feliciano (Pe. Ivanor Macieski SChr).

Quero aqui dedicar algumas frases às mencionadas solenidades festivas em Dom Feliciano. Eis que no dia 15 de agosto de 1996 realizaram-se as solenidades do centenário da instituição em Dom Feliciano da paróquia sob a invocação de Nossa Senhora de Częstochowa, das quais participaram os nossos coirmãos: Pe. Stanisław Nowak SChr da Holanda (anos antes, com dedicação ele trabalhou nessa paróquia, tendo contribuído, por exemplo, para a emancipação administrativa da vila, ou seja, para o surgimento do município); Pe. Władysław

³³ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Paraná> (acesso 16.10.2022).

⁴⁴ https://wikipedia.org/wiki/Rio_Grande_do_Sul (acesso 16.10.2022).

Hoffmann da Alemanha, bem como alguns dos nossos padres do Brasil, tendo à frente o pároco local, Pe. Ivanor Macieski. A solene concelebração da santa Missa campal foi presidida pelo ordinário da diocese de Santa Cruz do Sul, o Bispo Dom Sinésio Bohn. Neste ponto, uma pequena digressão, para um melhor conhecimento do Bispo Dom Stanisław. Antes do sermão o hierarca local sugeriu ao Bispo Dom Stanisław que ele segurasse o seu pastoral durante a reflexão pronunciada a respeito da Palavra de Deus que havia sido lida. Naturalmente, naquele momento o Bispo Dom Stanisław agradeceu pela abertura e pelo gesto de cordial fraternidade ao Bispo local e no seu estilo característico demonstrou a virtude da humildade. De maneira que o Dom Stanisław pronunciou o sermão sem o pastoral... Naturalmente, como convinha à circunstância histórica, ele pronunciou um longo sermão mariano... Para as pessoas que conheciam o Bispo Dom Stanisław não é preciso escrever sobre os seus gestos característicos que o acompanhavam enquanto anunciava a Palavra de Deus. Para mim, aquele foi mais um banquete espiritual, quando tive a ocasião de ouvir com atenção a riqueza espiritual do meu professor dos tempos do seminário. Como já havia acontecido nas outras paróquias, também aqui eu traduzi o sermão do Bispo Dom Stanisław. Por isso, da minha parte, durante o sermão a atenção era dupla: para haurir, para o meu próprio crescimento espiritual, a riqueza espiritual do pensamento do pregador, e também para em seguida bem traduzi-lo, com proveito para os atentos e piedosos fiéis. A multidão dos fiéis se aglomerava no terreno adjacente à igreja, bem como na larga rua que passava em frente ao santuário. Apesar do tempo quente, os fiéis permaneceram atentos, ouvindo as palavras do pregador. Após o sermão do nosso hóspede da Polônia, o ordinário local realizou o ato da proclamação da igreja paroquial como santuário diocesano sob a invocação de Nossa Senhora de Częstochowa. Após a longa e solene santa Missa campal, todos participamos do almoço festivo, cujo prato principal foi o churrasco. Em tais ocasiões festivas, de acordo com o costume brasileiro, ninguém se apressa em voltar para casa. Trata-se de um tempo dedicado à refeição, a longas conversas ou à participação em diversões populares preparadas por pessoas envolvidas na comunidade paroquial.

Ao escrever sobre Dom Feliciano, não posso deixar de falar de Camaquã, uma cidade a 45 km de distância na qual – somente cinco anos após a sua vinda ao Brasil – os sacerdotes da Sociedade de Cristo organizaram um seminário menor. Em 1963, entre os padres da Sociedade de Cristo que exerciam o ministério pastoral junto à comunidade polônica brasileira surgiu a ideia de possuir o seu próprio seminário. Foi comprado um terreno, foram construídos os prédios residenciais e outros. Após oito anos de existência, infelizmente o seminário foi fechado, o que ocorreu no final de 1971⁵⁵. A existência desse seminário e a conclusão da escola média não fez com que algum dos candidatos promovesse a continuidade da sua vocação. Mas pelo menos, em razão da grande generosidade, ao esforço da geração mais antiga dos padres da Sociedade de Cristo nesse país, mais de 40 jovens brasileiros de origem polonesa concluíram a escola média. Com certeza o leitor deste texto perguntará: o que tem em comum a lembrança da breve existência do seminário menor dos padres da Sociedade de Cristo no Sul do Brasil com a Pessoa do Bispo Dom Stanisław? Eis que tem, e com certeza o que vou escrever será para muitas pessoas uma surpresa, ou talvez até uma grande novidade. Porque a respeito disso na nossa congregação nada tem sido falado. No decorrer da minha formação seminarística e dos dois anos de ministério pastoral após a ordenação, da parte dos coirmãos mais velhos nada tenho ouvido falar. Também ninguém dos padres mais velhos que trabalham aqui no Brasil, e que são da geração do Bispo Dom Stanisław, tem falado nada a respeito. A que se deve isso? Eis que nos primeiros dias de viagens de automóvel com o Bispo Dom Stanisław pelos caminhos

⁵⁵ Cf. Malczewski, Z. *W służbie Kościoła i Polonii. Towarzystwo Chrystusowe: Funkcje społeczne i duszpasterskie w środowisku polonijnym w Ameryce Łacińskiej*, Centrum Studiów Latinoamerykańskich Uniwersytet Warszawski: Warszawa 1998, pp. 243-244.

das comunidades polônicas o eminente passageiro perguntava onde se encontrava o nosso antigo seminário brasileiro. Respondi eu, viajando a Dom Feliciano, que a caminho nos deteríamos na cidadezinha de Camaquã, onde em um dos seus bairros residiam famílias de origem polonesa e justamente ali os nossos coirmãos adquiriram um terreno e construíram um prédio destinado às instalações do seminário. Durante a nossa viagem de automóvel pela cidadezinha de Camaquã a Dom Feliciano fomos até o antigo seminário, onde se localizava um hospital. Detivemo-nos junto à antiga propriedade dos padres da Sociedade de Cristo. Observando o prédio e o seu entorno, o Bispo Dom Stanisław iniciou as suas recordações dirigindo-me uma pergunta neste estilo: “Você sabe que os superiores me enviaram para estudar na Universidade Católica de Lublin com o objetivo de que eu me preparasse para o futuro trabalho no Brasil, justamente neste seminário? Eu devia ser o professor e o educador dos nossos seminaristas polônicos!”. As palavras do Bispo Dom Stanisław causaram em mim uma profunda impressão, e ao mesmo tempo essa confissão me esclareceu de onde, diante de nós, padres da Sociedade de Cristo no Brasil, havia nele tanta especial empatia e benevolência, que ele nos demonstrava nos encontros, quando durante as férias aparecíamos na Casa Central em Poznań, bem como durante conversas em outros lugares da nossa Pátria. Parece que residia em seu interior algo de comum com a nossa missão, que realizávamos nesse país, que devia ser também o seu destino.

Neste ponto uma pequena digressão. Muitas vezes, durante as conversas com os nossos padres mais velhos – que, exercendo o ministério pastoral nas paróquias, enviavam os seus salários, os donativos coletados entre os fiéis para a construção e depois a manutenção do seminário em Camaquã – eu perguntava como foi que aconteceu que, quando após o Concílio Vaticano II os bispos brasileiros fechavam os seus seminários diocesanos, e as congregações, os seus próprios centros de formação, os missionários da Sociedade de Cristo iniciaram a construção de um centro de formação para os futuros sacerdotes polônicos? Saíam então da boca dos meus interlocutores diversos argumentos que deviam confirmar a conveniência das decisões então tomadas... Voltando com o pensamento à breve estada com o Bispo Dom Stanisław na antiga propriedade da Sociedade de Cristo em Camaquã, mostrei-lhe no prédio do hospital a pedra fundamental encaixada no prédio do hospital e proveniente do prédio da nossa Casa Central em Poznań! Mas o que fazer? Antes que o Pe. Stanisław Stefanek SChr concluísse os seus estudos bíblicos na Universidade Católica de Lublin, aqui no Brasil os padres da congregação fecharam o antigo seminário, venderam a propriedade e pelo dinheiro conseguido foi construída a nova Casa Provincial em Curitiba. Parece que Deus tinha os Seus planos diante da pessoa do Pe. Stanisław na nossa congregação e futuro pastor da Igreja na Pomerânia Ocidental e na diocese de Łomża. Não nos podemos esquecer do seu engajamento no estudo das questões relacionadas com a família e das aulas que por muitos anos ele deu no Instituto de Estudos sobre a Família em Łomianki. Ao escrever esta recordação, tenho a profunda convicção de que o cordial apreço que ele sempre expressou diante de nós padres da Sociedade de Cristo no Brasil tem as suas raízes no fato de que, segundo os planos das autoridades religiosas da época, ele devia exercer um ministério especial justamente no Brasil! Não me esquecerei dos futuros encontros com o Bispo Dom Stanisław, durante os quais sempre voltava o tema da comunidade polônica brasileira e do nosso ministério pastoral e cultural em meio às sucessivas gerações dos nossos colonos no Brasil. O Bispo Dom Stanisław gostava de fazer muitas perguntas, mas também enriquecia o seu interlocutor com as suas reflexões ou vivências! Durante a conversa sempre surgia algum entretido memorialista, que introduzia uma atmosfera de fraternal alegria.

Após as solenidades festivas em Dom Feliciano viajamos no dia seguinte ao núcleo seguinte que foi visitado por Dom Stanisław, que era a vila de Capo Erê (Pe. Kazimierz Długosz

SChr), na diocese de Erechim. O pároco local envolvia então com a assistência pastoral também a comunidade polônica nas cidades de Erechim e Barão de Cotegipe. No período de 1960-1970 – em razão da grande porcentagem de paroquianos de origem polonesa – na paróquia territorial sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, em Barão de Cotegipe, os padres da Sociedade de Cristo trabalhavam na qualidade de vigários. Vale a pena mencionar que nessa cidadezinha havia também uma comunidade polônica pertencente à Igreja Nacional Polonesa. O santuário dessa profissão era dedicado a Nossa Senhora de Monte Claro. Com base numa decisão do Arcebispo Bronisław Wojdyło, da Igreja Nacional nos EUA, à qual estava subordinado o mencionado núcleo, no final de 1980 a pastoral nessa comunidade foi assumida pela Sociedade de Cristo. Junto à igreja de Nossa Senhora de Monte Claro, em Barão de Cotegipe, o ordinário da diocese de Erechim, Dom João Hoffmann, instituiu uma missão polonesa (*Missio cum cura animarum*), tendo-se tornado o seu primeiro pastor o Pe. Stanisław Małysa SChr. Convém acrescentar que, com base na nomeação do bispo ordinário da diocese de Erechim, todo padre da Sociedade de Cristo reitor da igreja de Nossa Senhora do Monte Claro tinha a autorização para exercer a assistência à coletividade polônica tanto na vila de Barão de Cotegipe como na cidade de Erechim. Mais tarde, quando assumimos a assistência aos fiéis na paróquia de Capo Erê, os nossos padres continuaram a exercer o ministério pastoral nas duas cidades acima citadas.

Parece-me necessário e digno mencionar aqui o fato de o Bispo Dom Stanisław ter conhecido pelo menos um triste acontecimento relacionado com a questão brasileira não plenamente resolvida dos povos nativos. Eis que após a santa Missa na igreja paroquial em Capo Erê e depois, após conversas com numerosos polônicos, o Pe. Kazimierz Długosz SChr perguntou ao nosso hóspede se ele gostaria de ver uma igreja filial polônica ocupada por uma tribo nativa de índios. Naturalmente o nosso hóspede expressou a vontade de conhecer essa realidade para ele nova. O Pe. Kazimierz levou no automóvel paroquial o Bispo Dom Stanisław e seguiu com ele por uma estrada pedregosa, para mais de 10 quilômetros depois chegar a uma área onde havia algumas décadas residiam os descendentes dos colonos poloneses que se dedicavam à agricultura. Por um longo período a atmosfera na região ocupada por um grupo dos índios da tribo caingangue permaneceu tensa.

Havia dezenas de anos os polônicos que ali compraram as suas terras viviam tranquilamente, trabalhando para o seu próprio sustento e para assegurar um futuro melhor a seus filhos. Antes da vinda dos colonos poloneses aquelas terras eram habitadas pelos índios, aliás da mesma forma que acontecia em outras regiões desse extenso país. Com o correr do tempo as autoridades brasileiras começaram a instalar os índios em reservas para eles preparadas, e as terras eram vendidas aos novos colonos vindos de outras regiões do país ou da distante Europa. Num determinado ano, no decorrer de uma festa em honra da Padroeira da igreja filial Nossa Senhora de Częstochowa, veio a polícia com o aviso de que naquela direção estava se deslocando um grupo de mais de 300 índios armados. Os fiéis interpretaram essa informação como uma brincadeira da parte da polícia. No entanto, era verdade. No dia seguinte vieram os nativos, e começaram os conflitos com os nossos colonos. Para tranquilizar a situação social, o ordinário da diocese de Erechim Dom Girônimo Zanandrea entregou à disposição dos nativos a igreja, até que a delicada e ao mesmo tempo difícil questão fosse solucionada pelas autoridades judiciárias. De acordo com o seu costume, na igreja ocupada os índios acenderam uma fogueira, pelo que tanto as paredes como sobretudo a imagem da Senhora de Monte Claro ficaram densamente cobertas de fuligem. O Bispo Stanisław voltou com o Pe. Kazimierz à casa paroquial e podia sentir-se como o encontro com a mencionada realidade havia influenciado profundamente a sua sensibilidade pastoral. Durante a conversa sentia-se que ele estava abalado com a escurecida imagem da Senhora de Monte Claro em razão da fogueira acesa pelos

índios no meio da igreja. Mais tarde – como me contava o Pe. Kazimierz – a sentença judicial foi promulgada em favor dos índios, e os agricultores que moravam na região havia décadas foram forçados a abandonar as suas propriedades, tendo recebido do Estado a indenização pela terra, pelas casas e pelas instalações agrícolas. Os mais perspicazes foram capazes de comprar terras em outras regiões e de se organizarem no novo lugar. No entanto os agricultores menos providentes rapidamente gastaram o dinheiro e partilharam o destino dos pobres que podem ser encontrados nos bairros miseráveis nas periferias das metrópoles e em muitas cidades do país.

No dia seguinte, após o café da manhã na casa das Irmãs da Sagrada Família em Capo Erê e após nos despedirmos do Pe. Kazimierz, viajamos até a paróquia vizinha de Áurea (Pe. Czesław Piela SChr). A caminho até a cidadezinha (naturalmente viajando por uma estrada difícil e pedregosa), na primeira capela na área já pertencente à paróquia de Áurea, sob a invocação da Senhora de Monte Claro, um grupo de pessoas estava esperando o Bispo da Polônia. Não faltou uma faixa em polonês com palavras de saudação, flores e alegria entre os descendentes dos emigrados poloneses. Todos nos dirigimos à capela. Seguiu-se um momento de silenciosa oração. A seguir o Bispo Dom Stanisław dirigiu aos brasileiros de origem polonesa ali presentes palavras de saudação da Polônia e de estímulo para que perseverassem na fé dos antepassados.

Após o encontro com os descendentes dos colonos poloneses seguimos adiante até o centro da paróquia. Diante da igreja paroquial, o pároco local, juntamente com uma multidão de paroquianos, preparou uma calorosa recepção ao Bispo da Polônia. Não faltaram flores, cânticos, alegria, fogos de artifício (os nossos emigrados e os seus descendentes adotaram da população nativa esse costume de utilizar foguetes). A seguir foi concelebrada uma santa Missa festiva em honra da Padroeira da paróquia Nossa Senhora de Monte Claro. Como sempre, o Bispo pronunciou um belo e profundamente significativo sermão. Como de costume, servi de tradutor para o Senhor Bispo.

Gravou-se profundamente em minha memória uma imagem especial. Eis que, enquanto o Bispo Dom Stanisław pronunciava o sermão, todas as cabeças, de mais de mil pessoas reunidas na grande igreja, ficavam voltadas para o pregador. Para a tarefa de traduzir o sermão coloquei-me do lado contrário do púlpito. Quando eu traduzia trechos do pronunciamento do Bispo, todas as cabeças se viravam para o meu lado. Quando o Bispo continuava a sua reflexão, todas as cabeças, como que obedecendo a um comando, voltavam-se para ele. E depois, para ouvir a tradução, novamente se viravam para mim... Muito tempo durou esse deslocamento das cabeças do nosso povo fiel da estirpe do Piast estabelecido na hospitaleira terra brasileira, que lhe garantiu a tão almejada liberdade. Naturalmente, os olhares dos fiéis voltaram-se para o altar quando o Bispo terminou o Seu sermão enriquecedor e fortalecedor da fé e da piedade mariana. Essa rica e sugestiva liturgia durou mais de duas horas. Após a solene Eucaristia chegou a hora do almoço, ou seja, do abundante consumo do churrasco, acompanhado de saladas, pão, refrigerantes...

À tarde, em companhia do Pe. Czesław viajamos à paróquia de Carlos Gomes (esse foi o meu primeiro posto pastoral no Brasil). Não percorremos a estrada de cerca de 20 quilômetros até Carlos Gomes, mas desviamos por uma estrada pedregosa, por Gaurama até Viadutos, para visitar o Pe. Stanisław Gogulski SChr, que se encontrava no hospital municipal. E assim, para cumprir uma obra de caridade, para visitar um coirmão doente percorremos pelos difíceis caminhos do interior brasileiro 55 quilômetros para viajarmos de Áurea a Carlos Gomes. À noite celebramos a santa Missa dominical concelebrada. Em razão da permanência do pároco no hospital, pela manhã não havia sido celebrada uma Missa. Apesar da hora adiantada, o grande santuário (obra do Pe. José Wojda SChr) esteve repleto de fiéis. Rezamos em união espiritual

com o pároco da paróquia. Após a santa Missa um grande grupo de fiéis recepcionou os hóspedes com o tradicional churrasco no salão paroquial. O Pe. Czesław voltou à paróquia em Áurea. O Bispo Dom Stanisław, com o seu guia, permaneceu para pernoitar na paróquia de Carlos Gomes.

No dia seguinte, após a Missa e o café da manhã na casa das Irmãs da Sagrada Família em Carlos Gomes, prosseguimos a nossa viagem. Naquele mesmo dia – altas horas da noite – chegamos à cidade de Itaiópolis (Pe. Mirosław Michalczewski SChr), situada já no estado de Santa Catarina (95.736,165 km² e população atual de 6,2 milhões de habitantes⁶⁶). Em seguida, dirigimo-nos como eminente hóspede para uma visita à vila próxima de Alto Paraguaçu (Pe. Stanisław Małysa SChr). As Irmãs Missionárias de Cristo Rei prepararam um solene jantar, para o qual vieram o Pe. Mirosław e as Irmãs Servas de Itaiópolis. No dia seguinte, após a santa Missa matinal e o café da manhã em Itaiópolis na casa das Irmãs Servas, prosseguimos até a cidade de Campo do Tenente (Pe. Stanisław Jamróg SChr). E assim voltamos ao estado do Paraná, no qual havíamos iniciado a visita aos nossos núcleos pastorais. Percorrendo mais 90 quilômetros de estrada asfaltada, voltamos a Curitiba.

Viajando de Curitiba em direção ao Rio de Janeiro (antiga capital do Brasil e considerada a mais bela cidade do mundo), detive-me com o meu distinto passageiro Dom Stanisław na cidade de Aparecida do Norte, para no Santuário Nacional de Nossa Senhora saudar a Padroeira e a Rainha do Brasil. Esse santuário se situa a uma distância de 170 quilômetros ao norte da maior cidade do Brasil, que é São Paulo (a metrópole conta 21 milhões de habitantes e ocupa o 10º lugar entre as maiores cidades do mundo no que diz respeito à população⁷⁷), e ao lado dela passa a rodovia federal em direção ao Rio de Janeiro. Na cidade de Aparecida detivemo-nos para pernoitar no convento dos Padres Redentoristas. No dia seguinte (22 de agosto) celebramos a santa Missa na Basílica de Nossa Senhora de Aparecida e depois, em companhia do Padre Provincial dos Redentoristas, visitamos o Santuário. No Bispo Dom Stanisław, naturalmente despertou um grande interesse não apenas o próprio lugar do culto de Nossa Senhora, mas também a infraestrutura do Santuário. Nos subterrâneos do Santuário, despertou a maior atenção do hierarca da Polônia uma base especial para mães com filhos pequenos, onde há vários lugares para a troca de fraldas e um centro de saúde com primeiros socorros. Não me esqueço de que o Bispo Dom Stanisław, comentando aquela base de atendimento a crianças pequenas, disse: “Tenho que sugerir aos nossos Padres Paulinos que algo desse tipo surja em Monte Claro”. O Papa S. João Paulo II, durante a sua primeira visita apostólica ao Brasil, no dia 4 de julho de 1980, e no final da santa Missa ali celebrada, concedeu como presente espiritual ao Santuário o título de basílica menor⁸⁸. Estou profundamente convencido de que neste ponto vale a pena assinalar que o último presidente militar do Brasil, General João Batista Figueiredo, em memória da primeira visita de um Papa ao Brasil instituiu o dia da Senhora de Aparecida, 12 de outubro, como feriado religioso nacional.

Após a visita à capital espiritual do Brasil continuamos a nossa viagem e à tarde chegamos ao Rio de Janeiro (Pe. Jan Flig SChr). À noite, a convite do Senhor Waldemar Kluza, conselheiro comercial da Embaixada da Polônia, o Bispo Dom Stanisław, acompanhado de seus coirmãos religiosos, dirigiu-se para um jantar na residência do diplomata. Durante a refeição, não faltaram temas que abordamos no diálogo comum.

No dia seguinte, juntamente com o Pe. Jan, levamos Dom Stanisław até a cidade de Petrópolis, situada na região montanhosa, a uma distância de 50 quilômetros do Rio de Janeiro

⁶⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Catarina (acesso 28.11.2022).

⁷⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/São_Paulo (acesso 28.11.2022).

⁸⁸ *Todos os pronunciamentos do Papa no Brasil*, Edições Loyola: São Paulo 1980, pp. 122-131.

(localizava-se ali a residência e a sede de verão do Império e da República do Brasil). O nosso hóspede teve a possibilidade de conhecer os pontos mais importantes dessa cidade específica: a catedral, o palácio do imperador – atualmente transformado em museu... Naquele mesmo dia à tarde, o Sr. Waldemar Kluza, conselheiro comercial da Embaixada da Polônia, em companhia do Senhor Paweł, funcionário dessa repartição, levou o Bispo Dom Stanisław ao aeroporto do Galeão. No aeroporto, graças a prévias providências do Senhor conselheiro Waldemar, o Bispo Dom Stanisław foi tratado como um diplomata (sala VIP, e nós três pudemos lhe fazer companhia até a entrada no avião...). Um momento de despedida, de agradecimento ao meu antigo educador e professor dos tempos do seminário por ter dado o curso pastoral, bem como pela assistência pastoral nas paróquias servidas pela Sociedade de Cristo.

Após a peregrinação de três semanas em companhia do Bispo Dom Stanisław, ao hodômetro do carro da nossa Província foram acrescentados 7 mil quilômetros. Durante o tempo passado nas viagens pelas estradas vicinais e asfaltadas de cinco estados brasileiros, tive a possibilidade de me enriquecer com os diálogos mantidos com o ilustre hóspede. Um ano após a mencionada e para nós, padres da Sociedade de Cristo, histórica visita do Bispo Dom Stanisław, comemoramos solenemente os 40 anos do nosso ministério no Brasil. Naquela ocasião Dom Stanislaw enviou à nossa comunidade dos padres da Sociedade de Cristo, que cumprem a missão da Congregação nesse país, uma extensa carta. Seja-me permitido apresentar abaixo o seu conteúdo.

Lomża, 16 de janeiro de 1998.

Caro Padre Provincial!

Agradeço muito pela notícia sobre os 40 anos do trabalho pastoral dos sacerdotes da nossa Sociedade no continente sul-americano, especialmente no Brasil. Durante a minha primeira estada, há mais de um ano, tive a ocasião de parcialmente me familiarizar com a realidade que eu conhecia há 40 anos das cartas e dos contatos pessoais com os missionários do Brasil que vinham passar as suas férias na Polônia. Foi justamente o Padre Provincial que dedicou muito tempo, e todos os Irmãos abriram hospitaleiramente as suas portas para que eu pudesse, ainda que numa pequena proporção, ver o grande esforço missionário dos nossos coirmãos.

Naquela ocasião falamos de documentar as realizações desses 40 anos, e o Padre Provincial pessoalmente está bem preparado para tal tarefa. Parece-me que a obra de tal documentação poderia ser o fruto do desvelo de todos, ainda que seja pela reunião de documentos básicos, opiniões ou trechos de crônicas dos lugares mais característicos. Tudo está registrado na eternidade de Jesus Cristo, o único Sumo Sacerdote, e nos alegraremos com o fruto de cada palavra pronunciada por amor e com todo copo de água oferecido em nome de Jesus. É preciso, no entanto, coletar os documentos para a história e para a escola, porque a história é uma mestra, e a essa escola nos convida Cristo, assinalando sempre a novas gerações as tarefas em Sua vinha.

Sou grato a Deus por ter podido vivenciar o encontro com o Santo Padre no Rio de Janeiro. Então o trabalho dos meus Irmãos da Sociedade de Cristo foi inscrito no contato mais amplo da Igreja local. No grande contexto, no qual, com a Sua tão profética presença, pelo poder do Espírito Santo, inscreveu o Seu ministério João Paulo II. Afinal Ele viajou diversas vezes com Missionário ao continente sul-americano, e ao mesmo tempo, ultimamente, convidou todos os bispos americanos para o Sínodo realizado com tão grande dedicação.

Para as comemorações jubilares, para a alegria e a ação de graças de todos os meus Irmãos Padres da Sociedade de Cristo e Irmãs Missionárias de Cristo Rei para os Poloneses Emigrados, suplico do fundo do meu coração a graça da bênção divina.

Além de familiarizar o Bispo Dom Stanisław com as comunidades polônicas, foi preciso também possibilitar-lhe o conhecimento dos mais importantes lugares turísticos no Brasil. Viajamos à fronteira de três países – Brasil, Argentina e Paraguai, onde se encontram as famosas Cataratas do Iguaçu. Para esse lugar turístico conhecido no mundo levamos também o Arcebispo Dom Zenon Grocholewski. A caminho de Foz do Iguaçu detivemo-nos em Vila Velha, onde os hierarcas puderam conhecer um imponente fenômeno geológico, isto é, as rochas vulcânicas que apresentam diversas figuras de pessoas e animais. E em Foz do Iguaçu os nossos hóspedes tiveram a possibilidade de admirar a beleza das cataratas e, atravessando a fronteira brasileiro-paraguaia, de ver o comércio livre na cidade fronteiriça de Ciudad del Este. E em Curitiba, capital do estado do Paraná, mostrei ao Bispo Dom Stanisław os mais importantes pontos turísticos dessa cidade, e também levei o meu antigo educador e professor pela famosa estrada de pedras “Graciosa”, que leva à cidade histórica de Morretes, e a seguir ao porto de Paranaguá. Com tempo bom, a paisagem na descida do planalto em que se situa Curitiba é deslumbrante, visto que a área é montanhosa e coberta de mata, de variada vegetação. As grandes reservas florestais dessa parte do estado encontram-se sob a proteção do Estado, a fim de que sejam preservadas intatas para as futuras gerações. Nesse contexto vale a pena lembrar que o Bispo Dom Stanisław teve a oportunidade de percorrer estradas sem asfalto e apenas empedradas no chamado interior.

Quando estive com Dom Stanisław no estado do Rio Grande do Sul, nas duas acima citadas paróquias, visitamos as ruínas de São Miguel, que se encontram naquela região. Esse é um lugar das reduções jesuíticas dos tempos da República dos Sete Povos. Como curiosidade, eu gostaria de enfatizar que no museu ao lado das ruínas encontram-se duas imagens de S. Estanislau Kostka, esculpidas por índios que no passado residiam naquela região e que foram evangelizados pelos jesuítas. Já naquela época os jesuítas de Portugal e da Espanha trouxeram consigo a essa região o culto desse seu coirmão, e nosso compatriota.

No decorrer da estada do Bispo Dom Stanisław no Brasil fizemos também visitas de cortesia a alguns hierarcas, como ao Arcebispo metropolitano de Curitiba Dom Pedro Fedalto, que nos convidou para um almoço em sua residência. Na cidade de União da Vitória visitamos o ordinário da diocese Dom Walter Ebejer OP, oriundo de Malta. Na cidade de Santo Ângelo, no estado do Rio Grande do Sul, visitamos o Bispo Dom Estanislau Amadeu Kreutz. Esse hierarca de origem alemã recebeu no santo batismo o nome polonês Estanislau. Certa vez lhe perguntei pela razão de lhe ter sido dado o nome desse bispo e mártir de Cracóvia. Ele me respondeu que seu pai tinha muita amizade com um polonês que tinha esse nome e por isso, por simpatia ao seu amigo, deu-o a seu filho. O bispo falava diversas línguas, inclusive falava com bastante fluência a língua polonesa. Na cidade de Erechim fizemos uma visita ao ordinário da diocese Dom Girônimo Zanandrea, na cúria local. Do encontro participou também o vigário-geral da diocese, Pe. Stefan Kfiecinski, que estudou em Roma. Durante os nossos encontros com hierarcas da Igreja no Brasil não apenas ocorreu uma cordial troca de opiniões, uma partilha de experiências pastorais, mas sobretudo foram abordadas questões relacionadas com a pastoral em meio à comunidade polônica brasileira. Tivemos a oportunidade de ouvir muitas palavras bondosas da parte dos Bispos visitados em relação ao ministério dos padres da Sociedade de Cristo em suas Igrejas locais.

⁹⁹ Malczewski Z., *W służbie Kościoła i Polonii.*, op. cit., p. 21.

2. No ano seguinte tive a possibilidade de um novo encontro com o Bispo Dom Stanisław em terra brasileira. Nos dias 1 a 3 de outubro de 1997 realizou-se no Rio de Janeiro o II Congresso Internacional das Famílias, do qual participou uma numerosa delegação da Polônia. Essa delegação foi presidida pelo Bispo Dom Stanisław Stefanek SChr, presidente do Episcopado da Polônia para assuntos da Família¹⁰¹⁰.

Sinto a necessidade de lembrar um pequeno acontecimento, no qual Dom Stanisław demonstrou o seu peculiar humor em relação a um fato curioso relacionado com ele. Eis que o Bispo Dom Stanisław veio ao Rio de Janeiro numa hora matinal. Juntamente com o Senhor Waldemar Kluza, conselheiro comercial da Embaixada da Polônia, dirigi-me ao aeroporto, e graças aos empenhos dele pudemos nos aproximar dos passageiros que desciam do avião. Ficamos agradavelmente surpreendidos quando se aproximou de nós a representante da linha aérea e perguntou se estávamos esperando por alguém especial. Respondemos que estávamos à espera de um Bispo da Polônia. Então ela nos informou que a bagagem desse passageiro não havia sido entregue a tempo no avião, de modo que viria no dia seguinte e seria entregue no endereço indicado. Quando Dom Stanisław nos cumprimentou, aproximou-se dele a mencionada representante da linha aérea e lhe entregou uma sacola característica, com objetos de primeira necessidade. De acordo com o seu costume, Dom Stanisław abriu a sacola, retirou dela um grande pente e nos disse mais ou menos estas palavras: “Como a linha aérea sabia que eu tenho um cabelo tão comprido e que vou precisar de um pente tão grande?”. Assim era o Bispo Dom Stefanek, capaz de fazer uma brincadeira até com a sua própria pessoa...

Atendendo a um pedido previamente apresentado pelo Bispo, eu participei do mencionado congresso na qualidade de secretário e intérprete do grupo polonês. O Pe. Jan Flig SChr, juntamente com a comunidade polônica e os brasileiros ligados com a nossa igreja polonesa, deu conta do recado para bem recepcionar a delegação das famílias da Polônia. Foi organizada uma especial coleta de dinheiro para a compra de alimentos, a fim de que, após a santa Missa matinal, os casais recepcionados hospitaleiramente na proximidade da igreja polonesa pudessem tomar o café da manhã no salão contíguo à igreja, da mesma forma que jantar após a volta dos encontros do congresso. As Irmãs Missionárias de Cristo Rei, ajudadas por voluntárias, encarregaram-se de preparar para nós essas refeições. Além disso, a Irmã Halina envolveu-se na secretaria do congresso, graças ao que a expedição de bilhetes de entrada no congresso e os encontros com o papa João Paulo II transcorreram com muita eficiência, visto que, conhecendo os nomes poloneses, ela retirava da pilha de bilhetes aqueles que a seguir entregava aos delegados poloneses. O ponto culminante da sala do congresso foi a vinda do santo Padre João Paulo II ao salão do congresso no Rio Centro. O Papa pronunciou um maravilhoso discurso dedicado à temática familiar. João Paulo II dirigiu-se aos participantes do congresso em diversas línguas, inclusive em polonês.

Após o término dos vários dias do congresso participamos dos encontros públicos com o Santo Padre no Rio de Janeiro: no sábado (4 de outubro), no estádio do Maracanã, e na santa Missa do domingo (5 de outubro), no parque Aterro do Flamengo, diante da baía da Guanabara. Do encontro no estádio participaram 115 mil pessoas, e da santa Missa, mais de dois milhões de fiéis. Antes do início do encontro no estádio, representantes da jovem geração da comunidade polônica carioca entraram no gramado do Maracanã com o estandarte da paróquia e a bandeira polonesa. Os jovens foram saudados com uma estrondosa salva de palmas pelos presentes nas tribunas do maior estádio do mundo. Graças a Dom Stanisław, tive a possibilidade de participar desse evento importante para a Igreja e as famílias. Nos mencionados dois eventos, teve uma

¹⁰¹⁰ Malczewski Z., *Polonii brazylijskiej obraz własny...*, op. cit., p. 97-100.

posição de vanguarda a juventude, que surpreendeu os meios de comunicação brasileiros. Simplesmente a mídia não esperava tão numerosa participação dos jovens nos encontros com o Papa João Paulo II, tanto no estádio como também durante a Missa celebrada no parque Aterro do Flamengo¹¹¹¹. Trago em meu coração expressões de gratidão ao Bispo Dom Stanisław por me ter confiado a tarefa de guia e intérprete do grupo polonês. Graças a essa missão que me foi confiada, pude vivenciar aqueles maravilhosos acontecimentos relacionados com o Congresso Internacional das Famílias.

Em 2016 participei de um seminário na Universidade de Varsóvia, que se realizou em língua portuguesa e foi dedicado à temática relacionada com a comunidade polônica brasileira. No meu pronunciamento, apresentei a história da pastoral polonesa em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. O ponto culminante do seminário foi o encontro relacionado com o lançamento de livros que ocorreu no Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia. Silwia Kmieciak, da Universidade de Rzeszów, apresentou o seu trabalho de magistério escrito sob a orientação da Dra. Anna Jamrozek-Sowa na universidade acima mencionada e publicada em forma de livro em duas línguas – polonesa e portuguesa, enfocando a obra literária do abaixo assinado relacionada com a comunidade polônica brasileira¹²¹².

Após o encerramento do evento científico na capital polonesa viajei com meu sobrinho, Pe. Paweł, a fim de fazer uma visita ao Bispo Dom Stanisław em Łomża. Ele nos recebeu com muita cordialidade. Após a saudação, entreguei ao meu antigo educador, professor e superior um exemplar do mencionado livro com um pequeno comentário no estilo: “Vossa Excelência certamente se lembra de quando era Vigário-Geral da nossa Sociedade e me apresentou já há tantos anos a proposta da continuidade dos estudos. Queira aceitar este livrinho como sinal da minha gratidão e ao mesmo tempo testemunha do esforço intelectual do antigo subalterno e coirmão, que se ocupa, como pesquisador independente, do estudo da comunidade polônica no Brasil. Penso que as minhas publicações sobre a coletividade polônica brasileira testemunham que não desperdicei o dom que Deus se dignou conceder-me”. Não me esquecerei até o final dos meus dias de como naquele momento Dom Stanisław encaminhou para mim e seu característico e bondoso olhar. Escrevendo agora, aqui no calor do verão brasileiro, estas palavras de recordação, apresenta-se diante de mim a eminente figura do Bispo Dom Stanisław debruçando-se sobre mim e fixando em mim o seu olhar bondoso, ainda que penetrante e repleto da bondade, que lhe era característico. Esse novo encontro em Łomża com o antigo educador e superior foi para mim muito enriquecedor espiritualmente, intelectualmente, mas também civicamente.

3. O coroamento dos encontros, dos diálogos com o meu antigo superior foram os dias 25-26 de agosto de 2018, quando os padres da Sociedade de Cristo estavam comemorando os 60 anos do seu serviço à comunidade polônica e à Igreja. O superior da nossa comunidade provincial, Pe. Kazimierz Długosz SChr, convidou Dom Stanisław para participar dessa comemoração do nosso ministério, do nosso trabalho, das conquistas espirituais, bem como de muitas outras obras que têm surgido nas comunidades paroquiais a nós confiadas no decorrer daqueles 60 anos. Como reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, convidei o Bispo Dom Wiesław Lechowicz, delegado da Conferência do Episcopado da Polônia para assuntos da

¹¹¹¹ Malczewski Z., *Polonii brazylijskiej obraz własny*. op. cit., p. 97-100.

¹²¹² Kmieciak S., *Polonia brazylijska w publicystyce ks. Zdzisława Malczewskiego*, seria Biblioteki Iberyjskiej: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego i Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego: Warszawa 2016, pp. 166.

pastoral dos emigrados poloneses, para essas solenidades, mas também para visitar ao menos algumas comunidades polônicas selecionadas no Brasil.

A visita do Bispo Dom Wiesław iniciou-se com a festa da Padroeira da Capelania Polonesa, a Senhora de Monte Claro, e a crisma de 10 polônicos adultos em Porto Alegre. Depois viajamos a Curitiba, para participarmos do jubileu de diamante do ministério dos padres da Sociedade de Cristo em prol da comunidade polônica e da Igreja no Brasil. Chegamos a Curitiba num dia quente e chuvoso. À noite, no bairro de Abranches, realizaram-se as solenidades polônicas, para as quais previamente havíamos sido convidados. Num grande salão, onde foi servido um jantar polonês e apresentou-se um conjunto de folclore polonês, encontramos o Bispo Dom Stanisław em companhia de alguns padres da Sociedade de Cristo e do provincial. Seguiram-se as saudações, as conversas e a participação na festa polonesa.

Posteriormente, no domingo, na moderna igreja de S. Pedro e S. Paulo, de estilo tipicamente polonês (obra do engajamento do então pároco Pe. Jan Sobieraj SChr), situada na vizinhança da nossa casa provincial, foi celebrada a solene Missa de ação de graças pelos 60 anos de serviço à comunidade polônica e à Igreja. A Missa jubilar devia ser presidida pelo metropolitano local, o Arcebispo Dom José Antônio Peruzzo. Infelizmente, na véspera ele avisou ao superior da Província que assuntos importantes da arquidiocese não lhe permitiam vir e presidir a santa Missa. Então começamos a discutir a respeito de quem devia presidir a solene Missa de ação de graças. Nessas conversas, “a sorte recaiu” sobre o Bispo Dom Wiesław Lechowicz, o qual, como sacerdote da diocese de Tarnów, havia estudado teologia em Roma, de maneira que o seu conhecimento da língua italiana lhe facilitaria a celebração da Missa em língua portuguesa. Conjuntamente, por diversas vezes treinei com o Bispo Dom Wiesław a pronúncia portuguesa, especialmente as orações do presidente da Liturgia Eucarística celebrada. O sermão circunstancial foi igualmente pronunciado por Dom Wiesław. A mim coube a honra de traduzir a sua reflexão da língua polonesa para a portuguesa. Após a Missa, muitos brasileiros que me conheciam – visto que no passado, sendo provincial, com frequência eu ajudava ao pároco deles e celebrava Missas na paróquia – expressaram a sua admiração diante do nosso ilustre hóspede, por ter pronunciado tão corretamente as palavras portuguesas durante a santa Missa presidida. Concelebraram a solene Eucaristia: o Arcebispo emérito da arquidiocese de Curitiba Dom Pedro Fedalto, o Bispo Dom Stanisław Stefanek, e também quase todos os sacerdotes da Sociedade de Cristo que cumpriam a missão da congregação no Brasil, bem como alguns dos nossos coirmãos vindos de outras províncias da nossa congregação.

Na tarde daquele dia realizou-se a parte artística no Parque S. João Paulo II, situado no centro de Curitiba. Estiveram presentes dois bispos da Polônia (Dom Stanisław e Dom Wiesław), padres da Sociedade de Cristo do Brasil, da Austrália, da França e da Alemanha, além de representantes das autoridades civis: Cida Borghetti, que exercia o cargo de governadora do estado do Paraná; Rafael Greca, prefeito do município de Curitiba, polônicos e brasileiros. Apresentou-se também o conjunto folclórico “Wolosatki”, da Polônia. Para o encerramento da solenidade cultural, os bispos presentes, Dom Stanisław e Dom Wiesław, concederam a todos a bênção pastoral.

Após o encontro e as conversas com o Bispo Dom Stanisław na nossa casa provincial, alguns dias depois tive mais uma ocasião de encontrar-me com ele no Rio de Janeiro. Tive um diálogo mais prolongado com Dom Stanisław justamente nessa mais bela cidade do mundo, como é considerada Rio de Janeiro, já após o término das solenidades jubilares da Província que se realizaram em Curitiba. Viajei àquela cidade de carro, juntamente com o Bispo Dom Wiesław Lechowicz. Naturalmente, “a caminho” de Curitiba ao Rio de Janeiro detivemo-nos em Aparecida para visitar o santuário da Padroeira e Rainha do Brasil. O ponto culminante da estada do mencionado hierarca foi Rio de Janeiro, onde no apartamento dos padres da

Sociedade de Cristo encontramos com o Pe. Jan Flig SChr o Bispo Dom Stanisław. Houve então muito tempo para conversas comuns “entre compatriotas”, e não somente noturnas. Houve também momentos especiais para mim no Rio de Janeiro, quando eu pude conversar somente com o próprio Dom Stanisław. Em seu estilo característico, ele me transmitiu diversas orientações em relação à continuidade do diversificado trabalho pelo bem espiritual e cultural da comunidade polônica, bem como para a consolidação do espírito patriótico.

Sintetizando estas minhas recordações, quero enfatizar como se torna importante, quão indispensável se apresenta para a comunidade polônica brasileira o encontro com representantes da Igreja ou do Estado polônês. Durante o meu já longo ministério pastoral no Brasil (já são 43 anos), muitas vezes tenho participado de tais encontros com polônicos nas cidades, nas vilas ou nas colônias do interior. É preciso permanecer por mais tempo com os nossos polônicos brasileiros para perceber quão importantes são para eles tais encontros oficiais, bem como as conversas particulares com pessoas importantes vindas da Polônia. O Bispo Dom Stanisław inscreveu-se na lista dos hierarcas poloneses que visitaram os nossos colonos ou, em período posterior, os seus descendentes. O primeiro hierarca a se encontrar com os emigrados poloneses no Rio de Janeiro foi o Cardeal Dom August Hlond, Primaz da Polônia, que, viajando ao Congresso Eucarístico Internacional em Buenos Aires (capital da Argentina), deteve-se em 1934 naquela cidade em 1934 e foi recebido pelo governo como hóspede oficial do Brasil¹³¹³. Ao voltar do mencionado evento religioso na Argentina, em 1934 permaneceu por alguns meses no Brasil o Bispo Dom Teodor Kubina – ordinário de Częstochowa. O fruto dessa visita pastoral nas cidades e colônias foi um livro de sua autoria¹⁴¹⁴. O hierarca polônês seguinte que em 1968 visitou os núcleos poloneses no Brasil foi o Bispo Dom Władysław Rubin – delegado do Primaz da Polônia para assuntos da pastoral dos emigrados poloneses¹⁵¹⁵. Um outro delegado do Primaz da Polônia com essa mesma função, que por diversas vezes visitou as comunidades polônicas no Brasil, foi o Bispo (e mais tarde Arcebispo) Szczepan Wesoły¹⁶¹⁶. Um Primaz da Polônia, que em 1984 promoveu uma visita pastoral às comunidades polônicas no Brasil foi o Cardeal Dom Józef Glemp. Um fruto da sua visita foi um livro que publicou alguns anos depois¹⁷¹⁷. É preciso também lembrar o Bispo Dom Zygmunt Kamiński (então ordinário de Płock), que a caminho para encontros polônicos na Argentina deteve-se no Rio de Janeiro e encontrou-se com a comunidade polônica local tanto na dimensão religiosa como na social¹⁸¹⁸. O terceiro Primaz da Polônia, o Arcebispo Dom Józef Kowalczyk, visitou a comunidade polônica brasileira nos dias 5 a 17 de novembro de 2013 e participou do jubileu dos 60 anos do surgimento da Missão Católica Polonesa no Brasil¹⁹¹⁹. O Bispo Dom Stanisław Stefanek SChr visitou pela primeira vez todas as paróquias da Sociedade de Cristo no Brasil em 1996, a respeito do que falei acima. O último hierarca polônês que visitou os núcleos polônicos (de 18 de agosto a 5 de setembro de 2018) e também participou das comemorações dos 60 anos do

¹³¹³ Malczewski Z., „Pierwsza wizyta polskiego hierarchy w Brazylii. 70. Rocznica pobytu kard. Augusta Hlonda, Prymasa Polski (1934-2004)”. In: *Sentire cum Societate. W 75. Rocznicę powstania Towarzystwa Chrystusowego dla Polonii Zagranicznej*, red. Ks. W. Necel TChr, Hlondianum: Poznań 2007, p. 237-246.

¹⁴¹⁴ Kubina T., bp., *Wśród Polskiego Wychodźstwa w Ameryce Południowej*, Potulice 1938.

¹⁵¹⁵ Malczewski Z., *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*, op. cit., p. 77.

¹⁶¹⁶ Idem, *Polonii brazylijskiej obraz własny*, op. cit., p. 58-61; Idem, *Obecność Polaków i Polonii...*, op. cit., p. 99.

¹⁷¹⁷ Glemp J., Kard., *Kościół i Polonia. Wizyta duszpasterska w Brazylii i Argentynie 1984 wspomnienia i kazania*, Pallottinum: Poznań – Warszawa 1986.

¹⁸¹⁸ Malczewski Z., *Obecność Polaków i Polonii...*, op. cit., p. 183.

¹⁹¹⁹ https://www.polska-misja.com.br/site/atuacao_do_reitor_interna.php?cod=1 (acesso 01.12.2022).

ministério da Sociedade de Cristo no Brasil foi o Bispo Dom Wiesław Lechowicz, ainda antes da pandemia da Covid-19. Infelizmente, em razão da morte do Arcebispo Dom Szczepan Wesoły ele não concluiu a planejada visita e voltou à Polônia para participar das cerimônias de sepultamento daquele que por longos anos havia sido delegado do Primaz da Polônia para os assuntos das Pastoral dos Emigrados Poloneses²⁰²⁰. Temos a esperança de que o sucessor do Bispo Dom Lechowicz, a quem o Papa Francisco nomeou Bispo Campal, o Bispo Dom Piotr Tuszyński, em breve seguirá os passos dos seus predecessores e virá ao Brasil para fortalecer a fé dos descendentes dos colonos poloneses, bem como para os estimular à preservação dos costumes, das tradições que eles herdaram dos seus antepassados. Quero esclarecer que não mencionei os hierarcas poloneses que estiveram no Brasil e que visitaram os seus sacerdotes (fideionistas) que servem nas estruturas da Igreja nesse país.

Concluindo este texto, quero ainda enfatizar a grande e eloquente influência do Bispo Dom Stanisław para que eu tivesse compreendido o fenômeno da comunidade polônica brasileira, que já na sétima ou oitava geração demonstra a sua ligação sentimental com a Polônia, país de origem dos seus antepassados, com orgulho enfatizando o seu polonismo, o que não significa que enfraquece os seus laços com o Brasil, que é o seu país de nascimento. Cumprindo o ministério de provincial na comunidade dos padres da Sociedade de Cristo no Brasil na América do Sul, por três vezes convidei ao Brasil um professor de sociologia conhecido meu, que leciona essa disciplina numa renomada e influente universidade polonesa, para que me acompanhasse na visita aos núcleos polônicos e me ajudasse a compreender esse fenômeno da persistência do polonismo por tantas gerações. A sociologia tem as suas regras e procura investigar sob diversos aspectos as questões sociais. Infelizmente, no caso da comunidade polônica brasileira, o meu bem conhecido sociólogo da Polônia não foi capaz de me esclarecer qual é a verdadeira causa de ocorrer a troca das gerações entre os descendentes dos colonos poloneses e de não ter ocorrido nas sucessivas gerações a total assimilação. Encontrei a resposta às minhas indagações na doutrina do Bispo Dom Stanisław, quando nos últimos anos comecei a aprofundar-me nos seus estudos sobre a família, no seu engajamento pela dignidade da vida humana e sobre o significado e o valor da família. Graças à leitura dessa riqueza de estudos, reflexões, publicações e ensinamentos do Bispo Dom Stanisław cheguei à conclusão de que as famílias polonesas estabelecidas no Brasil trouxeram em seus genes, da distante Polônia, fortes laços familiares. Acredito que uma família de raízes polonesas, que já se encontra em sucessivas gerações, é um forte vetor do polonismo no País do Cruzeiro do Sul, como primitivamente se chamava o Brasil. Que Deus recompense o Bispo Dom Stanisław também porque, após tantos anos do meu ministério à comunidade polônica brasileira, graças a ele eu pude compreender onde se localiza a força do polonismo entre os polônicos brasileiros. Essa força, que penetra as gerações dos imigrantes, se localiza numa sólida família!

*Pe. Dr. Zdzisław Malczewski SChr
Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil*

2020